

LIGA DE FUTEBOL MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA: UMA REDE REGIONAL DE CONEXÕES CULTURAIS E TERRITORIAIS – GUATA, YVY RUPA HA'E KYA

Gabriel Pereira¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Presidente Prudente, SP, Brasil



Enviado em 10 dez. 2024 | Aceito em 4 ago. 2026

Resumo: A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol de sete jogadores, pensado e organizado por e para a comunidade Mbya Guarani do litoral de Santa Catarina e arredores, promovendo circulação, encontros, saúde e bem viver. O objetivo central deste trabalho foi apresentar as principais discussões e resultados da dissertação de mestrado do autor, cujo objetivo principal foi mapear o campeonato e compreender seu papel na mobilidade (guatá) e nos encontros (nheamboaty) que conectam em redes (kya) pessoas e seus modos de vida (nhandereko) no extenso território Guarani (Yvy Rupa). Além disso, outro objetivo foi através do futebol, potencializar a visibilidade a existência, a resistência e a cultura Guarani, bem como a Geografia dos esportes e da Geografia do Futebol. Foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico e documental, observação-participante, entrevistas livres e semiestruturadas, transcrição de entrevistas, além de buscar criar um trabalho participativo e anticolonial. Os principais resultados apontaram que a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina impulsiona uma rede regional de relações entre as aldeias, conectando a cultura e o território em rede.

Palavras-chave: Redes Guarani; Território Guarani; Mobilidade Guarani; Futebol Indígena; Geografia do Futebol.

MBYA GUARANI FOOTBALL LEAGUE OF SANTA CATARINA, BRAZIL: A REGIONAL NETWORK OF CULTURAL AND TERRITORIAL CONNECTIONS - GUATA, YVY RUPA HA'E KYA

Abstract: The Mbya Guarani League of Santa Catarina is a seven-a-side soccer championship conceived and organized by and for the Mbya Guarani community of the Santa Catarina coast and surrounding areas, fostering interaction, gatherings, health, and well-being (bem viver). The central aim of this work was to present the key discussions and findings from the author's master's thesis, which sought to map the championship and understand its role in the Mobility (guatá) and gatherings (nheamboaty) that connect people and their ways of life (nhandereko) into networks (kya) across the vast Guarani territory (Yvy Rupa). Furthermore, the study aimed to leverage soccer to enhance the visibility of Guarani existence, resistance, and culture, as well as to contribute to the geography of sports and the geography of soccer. The methodological procedures employed included a review of literature and documents, participant observation, open and semi-structured interviews, and interview transcription, alongside an effort to create a participatory and decolonial work. The main results indicated that the Mbya Guarani League of Santa Catarina drives a regional network of relationships among the villages, connecting culture and territory through this network.

Keywords: Guarani networks; Guarani territory; Guarani mobility; Indigenous football; Geography of football.

LIGA DE FÚTBOL MBYA GUARANÍ DE SANTA CATARINA, BRASIL: UNA RED REGIONAL DE CONEXIONES CULTURALES Y TERRITORIALES - GUATÁ, YVY RUPA HA'E KYA

Resumen: La Liga Mbya Guaraní de Santa Catarina es un campeonato de fútbol 7, concebido y organizado por y para la comunidad Mbya Guaraní de la costa de Santa Catarina y sus alrededores, que promueve la circulación, los encuentros, la salud y el bienestar. El objetivo central de este trabajo fue presentar las principales discusiones y resultados de la tesis de maestría del autor, cuyo objetivo principal era mapear el campeonato y comprender su rol en la movilidad (guatá) y los encuentros (nheamboaty) que conectan a las personas y sus formas de vida (nhandereko) en redes (kya) a lo largo del extenso territorio guaraní (Yvy Rupa). Además, otro objetivo fue utilizar el fútbol para potenciar la visibilidad de la existencia, la resistencia y la cultura guaraní, así como la geografía del deporte y la geografía del fútbol. Se emplearon los siguientes procedimientos metodológicos: investigación bibliográfica y documental, observación participante, entrevistas libres y semiestructuradas, transcripción de entrevistas, además de buscar la creación de un trabajo participativo y anticolonial. Los principales hallazgos indicaron que la Liga Mbya Guaraní de Santa Catarina fomenta una red regional de relaciones entre aldeas, conectando cultura y territorio en una red.

Palabras clave: Redes guaraníes; Territorio guaraní; Movilidad guaraní; Fútbol indígena; Geografía del fútbol;

1. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); Atualmente bolsista CNPq (doutorado). Durante o período de produção do trabalho foi bolsista CAPES, PROPG UNESP e FAPESP (todas de mestrado) em diferentes momentos. E-mail: gabriel.pereira1@unesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4403-2701>.

Introduction

O professor Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999), apontava ser “bastante compreensível a reação de estranhamento provocada em quem se depara pela primeira vez com o ‘inusitado’ casamento entre esportes e geografia”. Creio ser ainda mais compreensível as reações de estranhamento em relação ao ‘casamento’ entre geografia, futebol e territorialidade indígena.

Mas qual a importância de se estudar o futebol na Geografia e nas ciências humanas? Nenhum outro esporte ou manifestação cultural tem o poder de mobilizar a atenção de um número tão grande de pessoas em um tão curto intervalo de tempo como o futebol. O futebol é um gatilho de interesse público em escala mundial e por essa razão é um território em disputa. Essas disputas podem ser econômicas (inserida na lógica capitalista), como também sociais e políticas de todos os espectros, como demonstram autores como Eduardo Galeano (199), Franklin Foer (2005) e Aldo Rebelo (2010), por exemplo. Gilmar Mascarenhas (1999) aponta ainda o potencial do futebol em gerar fluxos e identidades territoriais. Ocupar esse território em disputa é importante e necessário buscando dar visibilidade a assuntos relevantes e pertinentes. No caso deste trabalho, visarei evidenciar a existência, resistência, territorialidade e cultura Mbya² Guarani.

Em 2021, quando pela primeira vez visitei a Terra Indígena (TI) Morro dos Cavalos para a realização de um trabalho de campo do projeto de pesquisa ‘*Nheamboaty Mirim*: um sistema de vigilância e monitoramento saudável e sustentável do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e da Terra Indígena Morro dos Cavalos (SC), com base em geotecnologias e mapeamento participativo’³, observei como o futebol estava presente na cultura da comunidade local. Além de falarem cotidianamente sobre o esporte, era evidente o uso de uniformes com nomenclaturas em língua guarani, grafismos e outros elementos culturais próprios.

Ao fim de uma das reuniões do projeto, questionei Jekupé Mawe, uma das lideranças locais, sobre o futebol. Para minha surpresa, Jekupé me contou sobre a existência da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, um campeonato organizado e disputado por equipes Mbya Guarani do litoral de Santa Catarina, com etapas rotativas em diferentes aldeias. Já interessado nas possíveis geografidades envolvidas, perguntei se poderia acompanhar os jogos e possivelmente escrever sobre a Liga. Jekupé, que além de liderança local também é vice-presidente da Liga, prontamente aceitou pensando na possível divulgação do campeonato. Era o embrião da pesquisa de mestrado do autor (PEREIRA, 2024).

Os objetivos principais do trabalho desenvolvido entre 2022 e 2024, foram mapear as equipes e *tekoa kuery* (aldeias), compreender o funcionamento das rodadas rotativas, compreender os deslocamento e encontros proporcionados pela Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, a fim de identificar possíveis relações com o conceito de *guatá* (caminhar/mobilidade) e com a própria compreensão de *Yvy Rupá*, território e territorialidade Mbya Guarani.

Outros objetivos se somaram a estes no decorrer da elaboração do projeto de pesquisa, a destacar a teoria de que os Guarani são os inventores do futebol. Essa teoria sustentada por autores como Bartolomeu Meliá (apud YBANEZ, 2014) e Romanatto (2010), se baseiam em relatos de três missionários jesuítas dos séculos XVII e XVIII que descrevem a confecção de bolas de borracha e a prática do jogo exclusivamente com os pés dezenas de anos antes do futebol inglês. São eles,

² Os Guarani, no Brasil, são classificados em 3 sub-grupos: Mbya, Nhandeva e Kayowa.

³ Projeto fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número: 2019/27565-4.

Peramás (1793), Cardiel (1771 apud HERNANDEZ, 1913) e Montoya (1639). No entanto, não será possível explorar esta questão neste trabalho.

O objetivo central deste trabalho é apresentar uma síntese das principais discussões e resultados acerca da relação entre Liga Mbya Guarani de Santa Catarina e seu papel na manutenção da *guatá* (caminhar/mobilidade), no desenvolvimento de uma rede regional (*kya*) de conexões e da própria concepção de território (*Yvy Rupa*) e territorialidade Mbya Guarani.

Outro objetivo deste trabalho é ampliar a visibilidade a existência, a resistência, a territorialidade e a cultura Mbya Guarani, bem como para a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Além disso, espera-se despertar atenção para as riquezas e potencialidades da Geografia dos Esportes ou mesmo da Geografia do Futebol.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: após esta breve introdução, serão apresentados os procedimentos metodológicos, seguido de discussões e resultados. A discussão será dividida em duas partes, uma primeira focada no território, territorialidade e mobilidade Guarani, e uma segunda focada nestes elementos em relação à Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. É neste momento que apresentaremos o mapa da sexta edição do torneio. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e referências bibliográficas.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho se propõe a trazer uma síntese de alguns dos principais resultados da dissertação de mestrado do autor. Durante este período de aprendizados, diante do caráter interdisciplinar da “pesquisa”⁴, metodologias da Geografia, da Antropologia e da História foram empregadas e serão brevemente apresentadas neste capítulo.

Há de se destacar que este trabalho foi um trabalho qualitativo, participativo e com base na Geografia Cultural e fenomenológica. Neste sentido, a principal metodologia empregada foi a observação-participante.

A observação-participante pode ser entendida como uma técnica antropológica de observação realizada em “contato directo, frequentemente prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (CORREIA, 2009, p. 31).

Tim Ingold (2016, p. 407) aponta que “às vezes, supõe-se que participação e observação estejam em contradição. Como é possível observar e participar simultaneamente?”. O autor, no entanto, aponta que essa contradição não é verdadeira, sendo a participação e o “saber esperar”, elementos fundamentais no processo de observação:

Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas. (...) Pois observar não é objetificar; é atender⁵ as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado (INGOLD, 2000, p. 108).

⁴ Sinto-me muitas vezes desconfortável com o termo “pesquisa”. Assim como Ingold (2016), acredito ser mais coerente o uso dos termos aprendizado ou educação.

⁵ Nota de rodapé do texto original: “N. da T.: Não há um verbo equivalente em português que abarque todos os sentidos de *attend* evocados por Ingold neste e em outros textos: comparecer, acompanhar, servir, cuidar, estar atento, e, finalmente, atender (a um pedido, um cliente) são alguns deles. Optou-se pelo termo “atender” como tradução padrão, mas que pode variar dependendo do contexto da frase”.

Assim, a observação participante não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas. É, antes, a contemplação, em ato e palavra, daquilo que deve ao mundo pelo próprio desenvolvimento e formação. É isso que se entende por compromisso ontológico (INGOLD, 2016, p. 407)

Neste sentido, buscando atender (no sentido proposto por Ingold) e acompanhar as pessoas em princípio e prática, diversas outras atividades para além da observação do futebol foram realizadas. Entre elas poderíamos citar a participação em trilhas de monitoramento com *xondaros* (guardiões) e agentes da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), levantamentos aéreos com drones, auxílio da gravação de produtos audiovisuais, participação em atividades de manejo ambiental, participação de semanas culturais indígenas da escola Itaty, participação em rodas de conversas com turmas de visitantes, cerimônias na *opy* (casa de reza), participação frequentemente das refeições e rodas de *ka'a* (chimarrão), pescaria, além de claro ter participado de uma caravana rumo ao *tekoa* Yynn Moroti Whera para efetivamente participar da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina como jogador da equipe Tataendy Rupa⁶, Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Sobre essas experiências me vêm à mente dois pensadores: o primeiro, Zeca Pagodinho (2002): “deixa a vida me levar, vida leva eu” e novamente o antropólogo escocês Tim Ingold (2016, p. 409), quando afirma:

Se o método da antropologia envolve um trabalho prático com pessoas e materiais, então sua disciplina está no engajamento observacional e educação perceptual que permite ao praticante acompanhar e responder àquilo que acontece. Mas isso está longe do que se convencionou chamar de método segundo os protocolos da ciência normal, em que implementá-lo é executar uma sequência de passos preestabelecidos e regulados rumo à consecução de uma meta determinada. Pois os passos da observação participante, como os da própria vida, dependem das circunstâncias, e não avançam rumo a um fim preestabelecido. E envolvem modos de levar a vida e de ser por ela levado, de viver uma vida junto com outros – humanos e não humanos – que reconhecem o passado, atentam para as condições do presente e se abrem especulativamente a possibilidades futuras.

Ainda nesses momentos de “trabalho de campo”, junto a observação-participante, naturalmente surgem conversas e “entrevistas”. Foram realizadas 3 entrevistas semi-estruturadas com tomada de notas e auxílio de gravadores. Os entrevistados foram Jekupe Mawe (Wesley Santos dos Santos), Ara Mirim (Eliziane Antunes) e Karai (Elizandro Antunes). Muitas outras foram as conversas com interlocutores que surgiram naturalmente durante a vida cotidiana na Terra Indígena. Oliveira (1996), pontua que, desde que o pesquisador possua habilidade para ouvir e ser igualmente ouvido pelo “informante” desenvolvendo um diálogo “de iguais”, pode transformar um “confronto” em um verdadeiro encontro.

Mesmo porque acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver numa doce ilusão... Trocando idéias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante (OLIVEIRA, 1996, p. 21)

As entrevistas semi-estruturadas gravadas, foram transcritas com auxílio da ferramenta de inteligência artificial *Whisper* da *Open la*, e “corrigidas” com o auxílio da metodologia de transcrição

⁶ Um privilégio, afinal, o regulamento da Liga Mbya Guarani e Santa Catarina permite a participação de apenas um *jurua* (não-indígena) por equipe.

proposta por Whitaker et al (1996; 2000) que visa não caricaturar ou violentar a fala dos interlocutores de pesquisa.

Outros cuidados com a escrita residem em ter consciência do seu caráter moral, político e epistemológico delicado, como já apontava Geertz (1988). O pesquisador deve possuir no momento da escrita, segundo Oliveira (1996) e Carvalho (2023), a consciência que todos os dados obtidos na pesquisa de campo são, na verdade, interpretações pessoais moldadas a partir da subjetividade do próprio pesquisador, construída através da cultura, sistema de crenças, classe social, entre outros aspectos, somados ao treinamento metodológico.

Por fim, para este trabalho, cabe pontuar o levantamento bibliográfico e a produção cartográfica. O levantamento bibliográfico priorizou trabalhos escritos por indígenas Guarani, ou que tiveram participação direta dos mesmos. A principal fonte bibliográfica/documental deste trabalho é o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), Etno-Eko-Movimento da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

O mapeamento, por sua vez, se baseou sobretudo em informações disponíveis nas páginas de *Instagram* e *Facebook* da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina e foi elaborada através do aplicativo QGIS 3.28. Representar todas as equipes da mesma edição em um só mapa foi a princípio um desafio. Para isso algumas áreas foram ampliadas. Outro recurso necessário foi elaboração de uma legenda da pata de saracura para representar as equipes de mulheres⁷ e da semente germinando⁸ para representar as equipes infantis. Além disso, a seta de orientação está apontada para a direção leste, ou Karai Amba, como diriam os Guarani. Segundo Ismael de Souza (2020) e Nunes (2022), esta é a principal direção de orientação Guarani devido ao nascer do sol e suas divindades correspondentes.

Guatá ha'e Yvy Rupa: Mobilidade e Territorialidade Mbya Guarani

Território é um conceito fundamental para a Geografia. Trata-se de um conceito polissêmico, possuidor de diversos significados e interpretações. É necessário ter em mente que este conceito, assim como suas diversas derivações, são “categorias analíticas criadas pelas ciências sociais para instrumentalizar o estudo das relações da humanidade com o espaço” (CAVALCANTE, 2013). Sendo assim, a vivência e as práticas espaciais de determinados grupos, nem sempre se encaixam perfeitamente nesses conceitos prévios. Buscarei, portanto, evidenciar a noção de território e territorialidade Guarani, segundo seus próprios sujeitos.

Com base em Raffestin (1993, p. 143), podemos entender que o território é uma categoria que se inscreve em um campo de poder, formada a partir da apropriação do espaço, por determinados atores e grupos sociais que a partir de seu uso “territorializam o espaço” ao se projetar trabalho, energia e informação. O território, portanto, é produto e meio de produção, definido por relações tridimensionais entre sociedade-espaço-tempo.

Um conceito interessante quando se coloca em questão os territórios indígenas, é o conceito de “Territórios Ontológicos” de Arturo Escobar (2010). Os Territórios Ontológicos referem-se a espaços geográficos nos quais diferentes ontologias, ou seja, formas de existência, de saberes, e de modos de vida coexistem, desafiando as visões dominantes que buscam impor uma única

⁷ Na cultura Guarani a saracura é uma ave associada às mulheres, estando presente em uniformes de equipes, pinturas faciais e até em cerimônias na opy (casa de reza).

⁸ Ismael de Souza (2020), jovem Guarani, aponta que na cultura Guarani há uma analogia em que as crianças e jovens são como sementes que são levadas ao vento, enquanto os anciões são árvores que frutificam. Esta analogia está associada a *guatá* que veremos adiante.

perspectiva para o conceito. Ainda segundo o autor, muitas vezes a existência de um determinado grupo produz e, ao mesmo tempo, depende da existência do território para sua própria existência enquanto grupo social.

Essa perspectiva, nos leva ao conceito de territorialidade. Podemos entender a territorialidade como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”” (LITTLE, 2002, p. 3). Esse esforço coletivo, entre os Guarani, está diretamente relacionado à ideia de livre circulação, através da mobilidade, fluidez e caminhar (*guatá*).

Vários autores, desde clássicos a contemporâneos, apontam que as, “migrações”, mobilidades, circulações, deslocamentos, caminhar, *guatá* ou *guatá porã*, como diriam os próprios Guarani, são elementos fundamentais do *nhandereko*, modo de vida Guarani, apontados desde Nimuendaju (1987), Meliá (1991) Noelli (1996) Ladeira (2001), por exemplo, até autores Guarani contemporâneos, como Ivarra Ortiz e Machado (2018), Ismael de Souza (2020), ou o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos (2021).

Esse tipo de deslocamento não pode ser confundido com nomadismo, afinal, era/é comum que apenas parte da comunidade realizasse o deslocamento, mantendo a base territorial do grupo. Além disso, é comum a circulação e a volta às suas antigas aldeias. Ivarra Ortiz e Machado, usam os termos flexibilidade e plasticidade, enquanto no PGTA da TI Morro dos Cavalos, com frequência são utilizados os termos mobilidade e fluidez para se referir a estes movimentos.

Os diversos autores citados acima, apontam uma série de possibilidades sobre os motivos deste caminhar: superpopulação, calamidades naturais, novas áreas de plantio, caça ou pesca, expansão do território, rivalidades internas ou externas, libertar cativos, visitar familiares e amigos, trocas culturais, troca de sementes, e motivos religiosos, como a busca da *Yvy Marãe Y* (terra sem males)⁹. Há, inclusive, relatos de deslocamentos até os *Yvytyguá* (moradores da montanha), referindo-se aos povos andinos e ao Império Inca (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018).

O caminhar em busca da *Yvy Marãe Y* e do contato com povos andinos, inclui uma rede de caminhos pré-coloniais conhecido popularmente como Peabiru. Segundo Rosana Bond (2004; 2009), o Peabiru era uma “estrada” transcontinental que percorria mais de três mil quilômetros indo do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, cortando matas, rios, cachoeiras, pântanos e cordilheiras, passando por territórios que hoje compõem o território brasileiro, paraguaio, boliviano e peruano. Possivelmente este caminho era um tronco principal que se conectava há vários outros ramais secundários, formando uma verdadeira rede, tanto no território Guarani, quanto no território andino.

Apesar deste caminho ou rede de caminhos ser muito associado à caminhada com a jornada em busca da *Yvy Marãe Y* e ao contato com povos andinos (sobretudo devido a relatos de europeus que realizaram o caminho saindo da costa brasileira e atingindo cidades como Cusco e Potosí), ele está associado a muitos outros fins, com destaque à mobilidade interna e aos encontros entre amigos, parentes e outros *tekoa kuery* (aldeias).

Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 260) falam sobre

Uma rede de caminhos, trajetórias, sonhos que interagem e potencializam o modo de ser Mbya [Guarani] (...) O caminhar é uma forma de se aproximar e estar com aqueles que nos são caros, com os quais nos sentimos bem, que tem significado para nós, uma ligação, interação, que é

⁹ A *Yvy Marãe Y*, terra sem males ou terra que não se esgota em tradução mais literal, é uma espécie de paraíso cosmológico Guarani, na qual se encontra a morada de divindades e de almas de antepassados que já se foram deste mundo imperfeito. Na Cosmologia Mbya Guarani, esse paraíso fica além do Oceano Atlântico, e pode ser alcançado em vida por algumas pessoas cujo caminho é revelado por divindades.

mais sentida do que explicada, tanto com os parentes terrenos, como os que estão no ambá (morada celeste).

O mesmo autor chega a afirmar que muitas vezes, o que move a *guatá*, é a vontade de encontrar familiares e amigos, além da vontade de conhecer novos lugares e novas pessoas. Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos (2021):

Buscamos manter nossos processos culturais através da circulação nas terras, havendo mudanças e trocas de e entre pessoas cotidianamente. Isso faz com que os laços de parentesco sejam conectados sem fronteiras e a ligação das pessoas com o vasto território seja intensa, principalmente para os mais velhos que passam por várias terras durante suas vidas e visitam parentes por todo o território (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 14).

Segundo Ladeira (2001, p. 99), a noção de território é “formado por incontáveis pontos de passagem e parada, e por aldeias que se interagem por meio das dinâmicas sociais e políticas e das redes de parentesco que implicam permanente mobilidade”. Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos, “a ancestralidade Guarani circula há milhares de anos pelo *Yvy Rupa* (...) em uma extensa rede com nossos parentes, com intercâmbio, reciprocidade e comunicação”.

Essa extensa rede de caminhos e *tekoa kuery* (aldeias) identificada como *Yvy Rupa*, compreende espaços do norte da Argentina e do Uruguai, sul da Bolívia, Paraguai, e parte significativa do Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiro, a destacar os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. Há ainda a identificação de aldeamentos e sítios arqueológicos nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins (Figura 1).

Figura 1 - Captura de Tela do Mapa Guarani Digital¹⁰



Fonte: Projeto Mapa Guarani Digital (Coord. PERRI, 2024)¹¹

Pode parecer, aos olhos coloniais ou colonizados, que o *Yvy Rupa*, território Guarani foi/é descontínuo e desconectado. No entanto, segundo o PGTA da TI Morro dos Cavalos (2021, p. 51)

¹⁰ O Mapa Guarani Digital é um site que permite observar o território Guarani de forma dinâmica. Através do zoom interativo, é possível reconhecer como uma das aldeias e sítios arqueológicos mapeados. Além disso, permite a sobreposição de algumas camadas cartográficas.

¹¹ O projeto tem sua coordenação atribuída a Daniel Calazans Perri, mas trata-se de um trabalho conjunto entre o Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Acesse em: <https://guarani.map.as/#/>

“Nossas andanças fazem com que nossos laços de parentesco sejam conectados, sem fronteiras e a ligação com o território intensa, principalmente para os mais velhos que no decorrer de suas vidas passam por várias terras e visitam parentes por todo território”. Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 249), no mesmo sentido, apontam que “todas as caminhadas dos parentes mbya têm formatado um *Guará*¹² (grande território)” e “nesse entendimento, o espaço do território deve ser caminhado, pois é, cultivado, ocupado, humanizado, guaranizado”.

Atualmente, devido à colonização e à destruição de parte significativa do território original Guarani, a constituição de propriedades privadas com cercas e muros, há uma dificuldade em exercer essa territorialidade. Além disso, os poucos espaços que sobraram para o desenvolvimento do *nhandeko* (modo de vida), muitas vezes sofrem pressões do agronegócio grileiro, da especulação imobiliária, da expansão urbana e mesmo da sobreposição com áreas de preservação ambiental integral (**Figura 2**).

Figura 2 - Tekoa Yvapuru, Araquari-SC, com contraste entre a área indígena e a expansão urbana



Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Diante destes conflitos, apesar de contraditório na cosmologia, territorialidade e modo de vida Guarani, a demarcação de Terras Indígenas se tornou a única opção de resistência e sobrevivência, garantindo o direito aos poucos remanescentes da *Yvy Rupa*. Ladeira (2001, p. 42) aponta que “para os Guarani, a demarcação significa a retalhação de seu território e o seu próprio confinamento, porém estão conscientes de que, no mundo atual, esta é a única alternativa”.

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos (2021) traz importantes relatos sobre essa questão:

¹² *Guará* é um termo alternativo a *Yvy Rupa*.

A percepção de território, *YvyRupa*, para nós está ligada com a ideia da livre circulação em espaços onde cabem o *Nhandereko*, modo de vida Guarani. A terra são pequenas partes desse vasto território. Hoje essas terras precisam ser homologadas para uma garantia da existência de tekoas e do *Nhandereko*, para que consigamos circular pelas tekoas com certa segurança, na tentativa de uma vida sem violências vindas de *juruá* (não-indígena) (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 15).

Segundo os mais velhos do território, acreditávamos que colocar cerca para dividir territórios era desrespeitar as divindades que os criaram para usufruto de todos os seres. No caso da comunidade do Morro dos Cavalos, a percepção dos mais velhos foi adaptada em 1960 quando a rodovia BR-101 foi construída. Isto trouxe muitos riscos à comunidade e alterações no território. A partir daí passou a ser de extrema importância para acesso a territórios a demarcação da Terra Indígena (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 16) (**Figura 3**).

Figura 3 - Rodovia BR-101 rasgando a Terra Indígena Morro dos Cavalos e oferecendo diversos riscos ao bem viver, incluindo o risco de vida



Fonte: Autor (2023).

Em outras palavras, a demarcação é a única alternativa para assegurar a existência das *tekoa kuery* (aldeias) e, conseqüentemente, garantir o livre trânsito pelos espaços onde se desenvolve o *nhandereko* (modo de vida), possibilitando assim a conexão através do vasto *Yvy Rupa* com certo grau de segurança em meio a um contexto de violência.

Liga Mbya Guarani de Santa Catarina: mobilidades, encontros e alegria

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol de 7 jogadores promovido e organizado por e para as comunidades Mbya Guarani de Santa Catarina. Segundo a organização da competição, seu objetivo é proporcionar o bom relacionamento entre aldeias, além de promover saúde e fortalecimento físico e mental.

A Liga em questão, foi fundada em 2018 pelos então estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Irineu Xunu

(Tekoa Yynn Moroti Whera) e Elizandro Antunes (Terra Indígena Morro dos Cavalos), além da participação de outros importantes personagens, como Marco e Cris Tupã (Cacique e vice cacique da Terra Indígena Maciambu/Pira Rupa) e do próprio Jekupé Mawe, por exemplo.

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, que começou modesta, expandiu-se consideravelmente rompendo os próprios limites administrativos do Estado de Santa Catarina, mesmo enfrentando dificuldades como baixos recursos financeiros, falta de infraestrutura e até mesmo a interrupção do campeonato no período pandêmico¹³.

A primeira edição (2018–2019) contou com a participação de 10 equipes de homens e 5 equipes de mulheres de 10 *tekoa kuery* (aldeias). No momento que escrevo este trabalho, a Liga em sua 5ª edição (2024), conta com a participação de 12 equipes de mulheres, 25 equipes de homens, e 4 equipes infantis mistas de 23 *tekoa kuery* (aldeias) de 3 estados diferentes. São 15 aldeias/comunidades de Santa Catarina, 5 do Rio Grande do Sul e 3 de São Paulo. Entre as comunidades de Santa Catarina, 2 são de indígenas da etnia Lakaño-Xokleng e 1 da casa de passagem indígena Kaingang localizada em Florianópolis, capital do estado. É possível observar a distribuição espacial dos *tekoa kuery*, bem como as equipes participantes e seus respectivos escudos no **Mapa 1**¹⁴.

A partir da atenta observação do Mapa 1, é possível analisar muito mais que a simples localização das equipes, *tekoa kuery* e comunidades participantes. Considerando a rotatividade nas rodadas e jogos da Liga, é possível, através do mapa, compreender a dimensão e a amplitude dos deslocamentos e encontros proporcionados ou no mínimo facilitados pela competição.

Segundo Jekupé Mawe, a organização da Liga tenta balancear as rodadas em diferentes *tekoa kuery* (aldeias), em função de um equilíbrio de gastos de deslocamento entre as equipes e dos torcedores que acompanham o evento. Cada *tekoa* (aldeia) organiza o seu próprio deslocamento, muitas vezes fretando ônibus ou vans, além dos carros particulares dos jogadores e particulares em geral.

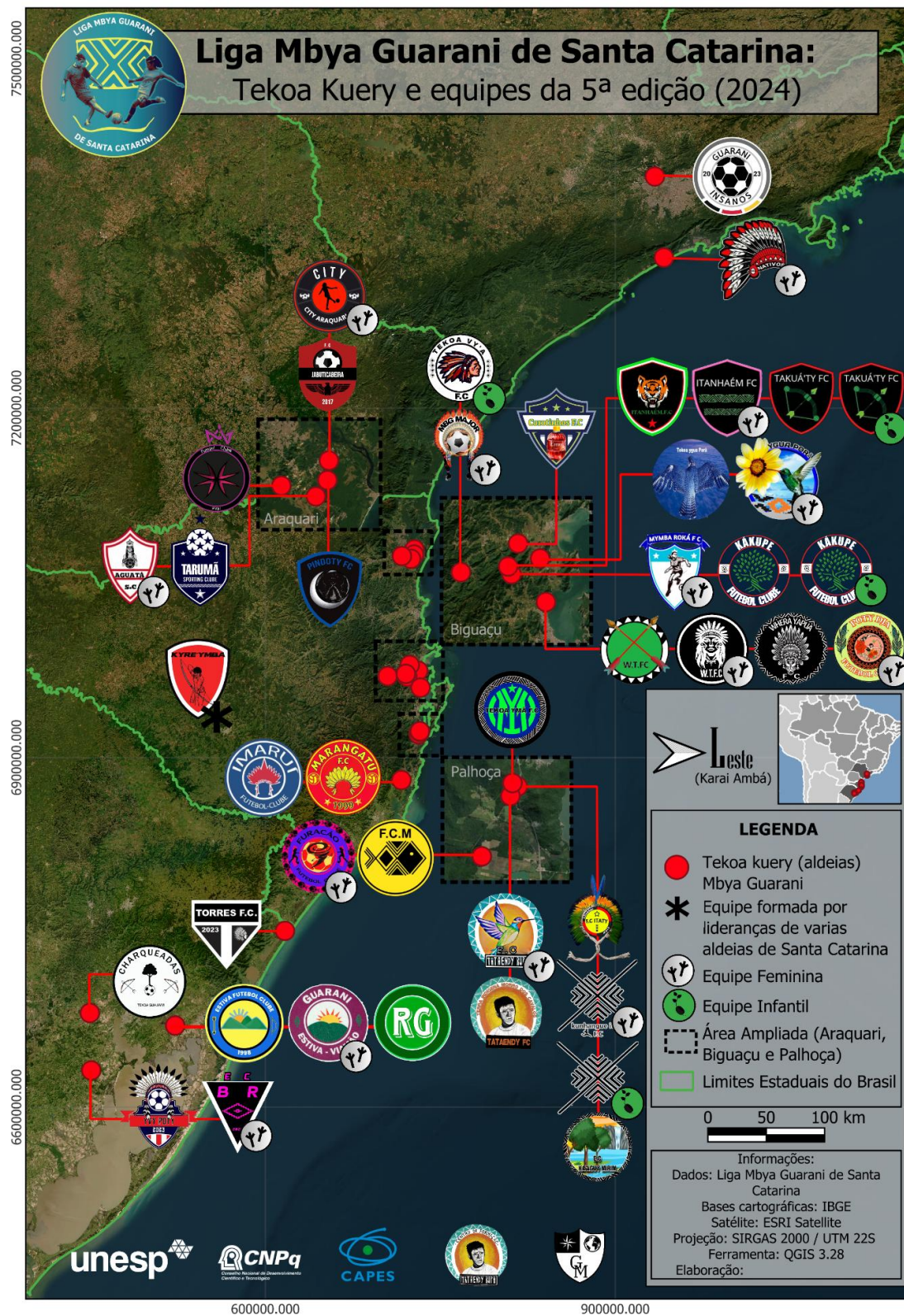
Jekupe Mawe conta que, na primeira edição do campeonato, as caravanas e os deslocamentos eram menos intensos, com predominância dos jogadores. No entanto, com o sucesso do campeonato, as comunidades começaram a se mobilizar para participar, assistir e torcer por suas equipes, levando famílias inteiras. Segundo ele, a partir da terceira edição “já virou time de torcida organizada”. Além disso, parte destas pessoas, estão menos interessadas no futebol e mais interessadas em realizar visitas, rever parentes e amigos, fazer churrasco, compartilhar o *ka’a* (erva mate) ou participar de festas que acontecem depois dos jogos, ou seja, mais interessadas nos encontros e na socialização. Nas palavras de Jekupé (2022) “quando marca a data de algum jogo é feriado nas aldeias, vai todo mundo (risos)”.

De modo similar, Ara Mirim (2023) também aponta esse papel que a Liga tem de gerar encontros e conectar pessoas. Nas palavras dela: “Acho que quem não joga, a maioria vai para isso [encontrar amigos e parentes]. (...) Eu mesmo, por exemplo, até quando eu saio da Liga, o meu time sai da Liga [eliminação], continuo indo nos jogos”.

¹³ Pandemia de Sars-Cov2, também conhecida como Covid-19.

¹⁴ Mapas das edições anteriores podem ser encontrados na dissertação de mestrado (PEREIRA, 2024) ou em outras publicações do autor.

Mapa 1 - Aldeias e equipes participantes da 5ª edição (2024) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2024).

Ara Mirim, contou-me ainda que mesmo antes da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina ser fundada em 2018, já aconteciam diversos torneios menores, geralmente de um único dia ou um final de semana¹⁵. Ela conta que, nestes torneios pré-Liga, muitas vezes as mulheres não tinham espaço para jogar porque “os homens eram muito fominha”. De qualquer forma, ela e outras mulheres já frequentavam alguns desses eventos para participar das festas: “Das festas todo mundo participava”¹⁶.

Em uma das publicações em sua página no *Facebook*, a organização da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2022) aponta que “tem como objetivo fazer os rodízios dos jogos nas aldeias para promover o bom relacionamento entre as aldeias”. Na mesma publicação, a organização da Liga agradece a cacica Andreia Moreira do *tekoa* Tarumã, por aceitar sediar “e receber todas as equipes das aldeias do litoral sul e norte” (de Santa Catarina), para a abertura da 3ª edição da competição.

O ato de visitar e receber visitas, em uma espécie de reciprocidade, é muito valorizado na cultura Mbya Guarani. Com base em Assis (2006), Quezada (2007, p. 88) aponta:

familiares Mbyá se mantém em constante relacionamento com outros grupos (e com os próprios parentes) noutras aldeias, que por sua vez, são a residência de membros reconhecidos dentro de seu grupo parental, conformando uma “rede local”. Isto permite a visitação ou *po’u*¹⁷ que além de ser a principal via para a efetivação da economia de reciprocidade, é um mecanismo político, pois quanto mais são os hóspedes recebidos maior é o prestígio representado por uma liderança na aldeia receptora; entre mais itens sejam trocados e mais oferecimento de boa estadia (oferecimento inicial de beber *ka’a* – chimarrão-, comida, fumar o *petygua*, etc.) maior é o êxito da visita (Ibid, 67). Assis também observou que as festas (...) e os jogos de futebol, estruturam uma série de deslocamentos massivos, onde o convite a uma aldeia tem como finalidade a obtenção de prestígio do cacique.

A prática do churrasco, relatada por Jekupé e muito presente em todos os jogos da Liga, tem um fator interessante. Elizabeth Pissolato (2018, p. 160) aponta que o alimentar (*omungaru*), “é uma prática central de “alegrar” quem se quer aparentar”. Isso porque, segundo a autora, há uma espécie de “comensalidade”, na qual o dar de comer, o aceitar a alimentação, e o comer junto, seriam práticas fundamentais para criação de vínculos e de parentesco. Em outras palavras, as pessoas se tornam parentes a partir da prática de compartilhar alimentos, comerem juntas e se alegrarem.

A alegria (*vy’a*) e o humor também são elementos fundamentais nas relações de amizade e parentesco. Em Heurich (2011) encontramos a “comensalidade do riso”, na qual o rir junto é marca da aproximação e produção do parentesco. “Alguém é - torna-se - parente porque faço piada com ele e não o inverso” (HEURICH, 2011, p. 75). O humor, a piada, o riso, a todo tempo está presente nos jogos da Liga ou de outros torneios de futebol. Ri-se dos adversários de jogo, do próprio time e de si, proporcionando interações de bem viver.

É importante citar que esses encontros, além de encontros geográficos, são também encontros geracionais. Crianças, jovens, adultos e anciões interagem de forma leve e descontraída. Jekupé Mawe, destaca a participação dos *xeremõi kuery* (anciões/avôs) nos jogos. Para ele, ver os “velinhos” nos jogos é algo muito especial, por passar confiança à organização do campeonato e às lideranças que recebem os jogos em seus *tekoa kuery* (aldeias). A presença dos “velinhos” permite brincar e

¹⁵ Também conhecidos como “apostas”, esses torneios menores ainda acontecem com uma certa frequência. Geralmente há uma taxa de inscrição por equipe, e o campeão leva todo ou quase todo o dinheiro. Nesses torneios também é comum a realização de festas. Ou em alguns casos, se aproveitam as festas, como de uma formatura, por exemplo, para realizar um torneio.

¹⁶ O futebol de mulheres na Liga Mbya Guarani e nos torneios Guarani de um modo geral, são outro ponto relevante, mas que infelizmente não será possível discutir nesse momento. Resumidamente, Ara Mirim aponta que a fundação da Liga ajudou a conquistar mais espaço e respeito ao futebol de mulheres nas aldeias Guarani.

¹⁷ *Po’u* = Visitação (ASSIS, 2006).

interagir com eles fora do ambiente sério da *Opy* (casa de reza), por exemplo, onde geralmente são muito cobrados. Nos jogos, ao contrário, são eles que cobram os mais novos, com gritos e até xingamentos, mas claro, tudo na forma de brincadeiras saudáveis que aproximam as gerações.

De modo geral, na cultura Guarani, os mais velhos são muito respeitados (**Figuras 4 e 5**), afinal, eles são bibliotecas vivas, portadores de muito conhecimento e sabedoria. Esse respeito e esse carinho são demonstrados, por exemplo, no emprego das palavras *xeremõi* e *xejaryi*, que em uma tradução literal seria algo como “meu avô” e “minha avó”. Na comunidade guarani, todos os mais velhos são considerados e chamados de *xeremõi* e *xejaryi*.

De modo similar, o professor Kennedy Karai, em uma roda de conversa na Semana Cultural da Escola Itaty de 2023, apontou que na comunidade Guarani, todas as crianças são consideradas *nhande ray kuery*, isto é, “nossos filhos”. Ou seja, toda a comunidade é responsável pelo cuidado e educação das crianças, não apenas os seus pais biológicos. Isso permite, por exemplo, que as crianças brinquem e explorem mais livremente os espaços sem que os pais biológicos necessariamente fiquem por perto por todo o tempo. É notório também, como a individualidade da criança é respeitada, permitindo a elas desenvolverem experiências e aprendizagens a partir de brincadeiras e interações com o ambiente.

Figura 4 - *Xeremõi* (ancião) chegando ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu para acompanhar a rodada da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2023).

Figura 5 - *Xeremõi* Dario Tupã acompanhando a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu



Fonte: o autor (2023).

Mesmo de diferentes *tekoa kuery* (aldeias), as crianças interagem, brincam e se divertem entre si, geralmente também jogando futebol nas margens dos campos ou no próprio campo durante os poucos minutos de intervalo, ou entre o fim de uma partida e o início de outra. Além disso, brincam nos entornos próximos, incluindo até mesmo a praia em alguns *tekoa kuery*. A Liga, neste sentido, proporciona a experiência de crianças conhecerem parentes de outros *tekoa kuery* além de outras partes do *Yvy Rupa*, o território Guarani (Figuras 102 e 103).

Figura 6 - Crianças brincando durante intervalos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2022).

Figura 7 - Crianças brincando durante intervalos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2022).

Não poderíamos deixar de destacar os jovens e adultos, afinal, são eles os principais entusiastas das festas que acontecem ao fim de quase todas as rodadas, em especial em aberturas e finais. Após a cerimônia de encerramento da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, fui convidado por alguns amigos da comunidade para participar da festa realizada no salão do Centro de Formação Tataendy Rupa, da TI Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina. É um momento de diversão e integração. Apesar de não ser comum a presença de *juruá* (não-indígena) nestes momentos, fui muito bem acolhido e até convidado para dançar o forró e o pancadão - ritmos predominantes destes eventos.

Figura 8 - Festa de encerramento da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina – Centro de Formação Tataendy Rupa, Terra Indígena Morro dos Cavalos, 2022



Fonte: o autor (2022).

Segundo Quezada (2007, p. 132):

Por sua parte, mais que um esporte e uma diversão para os Mbyá, o futebol é um motivo para organizar visitas às aldeias, efetivando a mobilidade e a circularidade no território, assim como dos objetivos acima apontados. A projeção de algum campeonato, conseguir um ônibus e a visita a uma aldeia, tendo como objetivo o jogo, concretiza uma série de práticas culturais, como o intercâmbio de mercadorias, o arranjo de matrimônios e a obtenção de prestígio, entre outros aspectos. Na prática, o futebol e as festas são indissociáveis, mas tendo este esporte uma fundamentação mitológica¹⁸.

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, e tudo que ela envolve, vem cumprindo com o seu objetivo principal descrito em seu regulamento e site oficial, isto é “promover o bom relacionamento entre as aldeias, os atletas e população em geral, proporcionando uma forma de lazer aos desportistas e oportunizar a formação do cidadão na sociedade” (LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA, 2022). Além disso, a partir do caminhar (*guatá*), da circulação de terras, do encontro (*nheamboaty*) conexão de *tekoa kuery* (aldeias) e pessoas, mantém a territorialidade viva, em constante movimento.

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina - além de outros campeonatos e torneios de futebol Guarani - trazem o *vy'a*, isto é, a alegria, e a alegria, segundo Pissolato (2018), pode ser considerada uma das molas propulsoras da movimentação Mbya Guarani pelo seu território. Ou seja, o futebol e a mobilidade podem trazer a alegria, e a alegria impulsiona a novas movimentações e novas visitas que podem ser impulsionadas ou não pelo futebol.

Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho foi apresentar o mapeamento e a síntese das principais discussões e resultados acerca das relações entre Liga de futebol Mbya Guarani de Santa Catarina e as práticas territoriais das comunidades indígenas em questão, como a mobilidade, a plasticidade e a circulação (*guatá*) conectando as pessoas, o território (*Yvy Rupa*), e o modo de vida (*nhandereko*) em rede (*kya*).

¹⁸ Eu diria cosmológica. Esse ponto, inevitavelmente, nos remete ao “futebol” pré-colonial Guarani conhecido no Paraguai como Mangá Ñembosarai, além da teoria de que os Guarani são os inventores do futebol. No entanto, como já citado na introdução, não é objetivo trazer esta discussão neste trabalho. Consulte o capítulo 4 da dissertação do autor.

Para chegar a tais discussões e resultados, foram utilizadas ao longo de anos de “pesquisas” e aprendizados, metodologias como levantamentos bibliográficos e documentais, observação-participante, conversas e entrevistas, além de transcrições e diversos cuidados na escrita.

Ivarra Ortiz e Machado (2018) apontam que, ao contrário do que muitos pensam, ainda hoje os Guarani realizam a *guatá* (caminhar), mesmo diante da fragmentação, destruição e criação de limites rígidos em seus territórios. Além disso, segundo os autores, a *guatá* (caminhar), não se resume ao caminhar com o pé ao chão, mas também é percorrer, conhecer lugares, visitar amigos e parentes e isso acontece de barco, de carro, de ônibus e de avião. Pois conforme Meliá (1991, p. 43) “(...) no fundo, não é a migração em si que define os Guarani, mas sim o modo particular de viver a economia de reciprocidade”.

O mundo *juruá* (não-indígena), com suas cercas, muros e propriedades privadas, impõe uma série de dificuldades, não só a movimentação, mas a toda a existência, a territorialidade, a saúde e a cultura Mbya Guarani. Neste sentido, a demarcação de Terras Indígenas, é fundamental não para restringir a mobilidade, a plasticidade e a circulação, mas pelo contrário, garanti-la em segurança pelo amplo território.

Diversas estratégias de conexão cultural, territorial e de manutenção da economia de reciprocidade vem sendo adotadas como forma de superar essa fragmentação imposta, gerando grandes encontros e conexões. Entre elas, poderíamos citar o Acampamento Terra Livre, Marcha das Mulheres, manifestações, encontros regionais, *nhemongarai* (batismo), cerimônias, multirões, retomadas territoriais, semanas culturais, visitas, encontros de danças e cantos além das festas e campeonatos de futebol. Estes dois últimos, por serem os mais frequentes, sem dúvidas estão entre as mais importantes formas de conexão e integração, pois através da alegria impulsionam mobilidades e encontros.

Neste sentido, campeonatos de futebol como a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, exercem um papel importante não apenas no lazer, na saúde e fortalecimento física e mental, mas também favorece um fortalecimento político, cultural e territorial desta comunidade.

Considerando que o conceito de redes segundo Castells (1999, p. 498) pode ser entendido como “um conjunto de nós interconectados” e que cada nó é o “ponto na qual uma curva se entrecorta, ou ainda segundo Corrêa (2012) como “um conjunto de localidades humanas articuladas entre si, por meio de vias e fluxos”, podemos afirmar que a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, confecciona ou no mínimo fortalece o desenvolvimento de uma rede regional de conexões, onde cada um dos *tekoa kuery* (aldeias), que sediam rodadas, assumem o papel de nó que amarra esta rede.

Independentemente de qual fator motive essa movimentação e esses encontros, o importante é que ela aconteça em segurança, com saúde e em bem viver, conectando a cultura e o território em redes. Nas palavras de Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 249) “A filosofia de vida Mbya Guarani insiste no caminhar e vai reproduzir-se sempre”, pois para os Mbya Guarani, “caminhar é a marca da sua liberdade”.

Por fim, espero que esse trabalho traga visibilidade a existência, resistência, cultura, territorialidade e a luta pela demarcação de terras nas comunidades Mbya Guarani. Além disso, espero que este trabalho tenha contribuído para apresentar as riquezas e potencialidades do estudo da Geografia dos Esportes e da Geografia do Futebol.

Referências

- ASSIS, V. S. de. D. *Mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani*. Tese. Doutorado em Antropologia Social. UFRGS: Porto Alegre. 2006. 325 p.
- BOND, R. *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do império Inca*. Rio de Janeiro: Coedta. 2004.
- BOND, R. *História do caminho de peabiru – descobertas e degredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico*. Rio de Janeiro: Ed. Aimberê, 2009.
- CARVALHO, J. A. *Território e trajetória Krenak – o olhar geográfico de uma disputa de narrativas*. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologias - UNESP. Presidente Prudente, p. 101. 2023.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra. 1999
- CAVALCANTE, T. L. V. *Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis. 2013. 470, p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106620>
- CORRÊA, R. L. *Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente*. Cidades, vol. 9, n. 16, p. 199-218. 2012.
- CORREIA, M. da C. B. *A observação participante enquanto técnica de investigação*. In: Pensar Enfermagem Vol. 13, Nº 2, 2º Semestre de 2009.
- ESCOBAR, A. *Territorios de diferencia: Lugar, movimientos, vida, redes*. Editorial Universidad del Cauca (UC). 423 p. 2010.
- FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Editora: Jorge ZAHAR. 2005.
- GALEANO, E. *El fútbol a sol y sombra*. Editora: Siglo XXI editores. 1995.
- GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. *Works and lives: the anthropologist as author*, California, Stanford University Press. 1988.
- HERNANDEZ, P. P. *Organización social: doctrinas guaraníes de la compañía de Jesús - Misiones del Paraguay*. Compañía de Jesús. Barcelona, Espanha, 1913. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/biblioteca-virtuale/documento452/Paraguay2.pdf> Acesso: 05 de set. de 2023.
- HEURICH, G. O. *Outras alegrias: parentesco e festas mbya*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/7980128/Outras_alegrias_embriaguez_e_respeito_mby%C3%A1_guarani?auto=download Acesso em: 10 de out. de 2024.
- INGOLD. T. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. Revista Educação. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.
- IVARRA ORTIZ, R. MACHADO, A. M. *Na estrada da terra sem mal: história, memória e cosmologia*. FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.5, nº2, p. 244-261, jul.-dez., 2018.
- LADEIRA, M. I. *Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. 2001. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo - USP. Edição de Publicação. São Paulo: EDUEM / EDUSP, 2001
- MASCARENHAS. G. de J. *À geografia dos esportes. Uma Introdução*. Scripa Nova. Revista Eletrônica de Geografia u Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. 1999.
- MELIÁ, B. *El Guarani: experiencia religiosa*. Asunción-Paraguay: CEADUC-CEPAG, 1991.
- MONTOYA, A. R de. *Tesoro de la lengua guaraní*. Madrid, Espanha, 1639. Disponível em Internet Archive: <https://archive.org/details/tesorodelalengua00ruiz/page/n13/mode/2up> Acesso 10 de ago. de 2023.
- MORRO DOS CAVALOS. *Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos: Eko-Etno-Movimento*. 2021.
- NIMUENDAJU, C. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- NOELLI, F. S. *As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.

- NUNES, O. J. *Teoria da multiescalaridade do Torus-Mestre e o método para etnoplanejamento ambiental e territorial indígena*. 2022. 220 p. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2022.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. Revista de Antropologia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1996. v. 39 nº1.
- PERAMÁS, J. M. *La República de Platón y los Guaraníes*. Tradução: Francisco Fernández Pertiñez, Bartomeu Meliá. Editora: Centro Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5X5sAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks Acesso: 17 de out. 2023.
- PEREIRA, G. *Liga de futebol Mbya Guarani de Santa Catarina: território, mobilidade e cultura - yvy rupa, djaguatá ha'e nhandereko*. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente. 2024. 190, p. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255238>
- PERRI, D. C. (coord.) *Projeto Mapa Guarani Digital*. Realização: Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI), Comissão Guarani YvyRupa (CGY) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 2024. Disponível em: <https://guarani.map.as/#/> Acesso em: 05 de janeiro de 2024.
- PIERRI, D. C. *A caminho do sol*. 2018. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018
- PISSOLATO, E. *Parentesco e emoções*. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018
- QUEZADA, S. E. C. *A terra de Nhanderu: organização sociopolítica e processo de ocupação territorial dos Mbyá-Guarani em Santa Catarina, Brasil*. 164 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.
- RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- REBELO, A. *Palmeiras X Corinthians 1945: O jogo vermelho*. 1ª Edição. Editora Unesp. São Paulo. 2010.
- ROMANATO, G. *Quando i guaraní inventarano il calcio*. L'Osservatore Romano. Vaticano. 11 de jul. de 2010a. p. 5.
- SOUZA, I. de. *Nhamandu: histórias e narrativas Guarani*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2020, 61 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/7494> Acesso 15 de out. 2023.
- TUPÃ, M dos S.. *Aguyjevete pra quem luta*. 2018. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018.
- WHITAKER, D. C. A. *Análise das entrevistas em pesquisas com histórias de vida*. Caderno CERU. Série 2, n. 11, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078> Acesso: 12 de out. de 2023.
- WHITAKER, D. C. A. et al. *Transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?*, 1996. In: WHITAKER, D. C. A. *Análise das entrevistas em pesquisas com histórias de vida*. Caderno CERU. Série 2, n. 11, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078> Acesso: 12 de out. de 2023.
- YBAÑEZ, M. *Los Guaraníes Inventaron el Fútbol*. San Ignacio Guazú. Secretaría Nacional de Cultura - Republica del Paraguay, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtjJ-qXrqlQ> Acessado em: 20 de set. de 2021. (10 min)
- ZECA PAGODINHO. *Deixa a vida me levar* (música). Álbum: Deixa a vida me levar (53min). 2002.